AUTO AMOR E AUTO DESVALORIZAÇÃO ENTRE GRADUANDOS

Palavras-Chave: Auto amor; Auto desvalorização; Estudantes de Odontologia.

Autores/as:

Lana Paula Risso - FOP Unicamp

Camila Silva Souza (co-autora) - FOP Unicamp

Prof.ª Dr.ª Rosana de Fátima Possobon (orientadora) - FOP Unicamp

Prof.ª Dr.ª Karine Laura Cortellazzi (co-orientadora) - FOP Unicamp

INTRODUÇÃO:

Entende-se por autoestima um conjunto de sentimentos e pensamentos que um indivíduo agrega ao valor próprio, competência, confiança, adequação e capacidade para enfrentar desafios (Rosenberg, 1965). Além disso, esse sentimento reflete na forma como as pessoas se aceitam, valorizam o outro e projetam suas expectativas (Brednar & Peterson, 1995). Sendo assim, por vezes é associada como uma das características de indivíduos felizes (Mayers & Diener, 1995) ou então associada à resultados negativos como a ansiedade, a depressão e a agressão (Mruk, 2006).

De acordo com Sánchez & Barrón (2003) a autoestima interfere na saúde, no bem estar e na qualidade de vida de população em geral; pode afetar condições afetivas, sociais e psicológicas dos indivíduos e por isso é um importante indicador da saúde mental.

O autoamor está intimamente relacionado à autoestima, sendo este não relacionado apenas com a autoimagem, ou seja, à forma pela qual o indivíduo se vê, mas também aos sucessos alcançados, influenciado pelos acontecimentos sociais, emocionais e psicossomáticos (Rosenberg, 1965; Fortini, et. al, 2018; Leary & Baumemeister, 2000).

Para a construção desses conceitos, o indivíduo se autoavalia a partir dos sentimentos e pensamentos introjetados durante o processo de formação de identidade (Vaz-Serra, 1986) e estabelece sua identificação com o mundo exterior (Erbolato, 2000). Esse processo geralmente ocorre durante a adolescência, fase na qual há a maturação física, emocional e cognitiva (Robins et. al 2010).

Vale lembrar que juntamente com as mudanças do mundo juvenil para o adulto, há a mudança no estilo de vida decorrente do ingresso na faculdade. Universitários sofrem demandas de ordem única ou coletiva, seja pela separação da família, saída de um ambiente conhecido para um desconhecido (o que acarreta novas responsabilidades e atividades), como o cansaço devido a trajetória acadêmica, a avaliação da qualidade de do desenvolvimento por meio de notas, a insegurança do futuro profissional, a cobrança por parte da família e a auto cobrança (Silva; Azevedo, 2018)

Diante deste contexto, foram feitos diversos estudos relacionando autoestima com fatores psicológicos, nos quais foi percebido que quanto mais altos os níveis de sintomas depressivos, mais baixos os níveis de autoestima (McGee, Williams,2000; Heatherton, Wyland, 2003; Martínez et al., 2010). De acordo com Kernis et al. (1993) indivíduos com alto grau de autoestima aceitavam melhor o feedback positivo dos outros do que os indivíduos com baixa autoestima. Ao contrário, os indivíduos com baixa autoestima aceitavam melhor o feedback negativo dos outros do que os indivíduos com alta autoestima. Ademais, Sowislo & Orth (2013) observaram que o efeito da autoestima na depressão foi significativamente mais forte do que o efeito da depressão na autoestima, também foi observaram a correlação entre ansiedade e autoestima.

Isso posto, é possível dizer que os estudantes universitários são uma população vulnerável a baixa autoestima e auto desvalorização, o que pode acarretar prejuízo no desenvolvimento acadêmico (Ahn & Choi, 2016), nos relacionamentos sociais (Branden, 1994; Hewitt, 1994), na qualidade de vida com a redução do apetite do sono e do desejo de viver (Cash; Fleming, 2002). Além destes possíveis distúrbios físicos e emocionais, a baixa autoestima pode ainda ocasionar comportamento autodestrutivo, menor autoeficácia e abandono do curso (McGee, Williams, 2000; Heatherton, Wyland, 2003). Assim, as dificuldades inerentes à vida universitária como o desafio de equilibrar estudos/lazer, os problemas financeiros, a adequação a um ambiente novo, a distância da família e o estabelecimento de novos relacionamentos (com colegas de curso e outras pessoas do meio em que vive), podem acarretar uma sensação de solidão, de ansiedade e de tristeza.

Diante deste contexto, a autoestima parece ser uma variável importante para a manutenção da saúde mental e para a capacidade de gerir processos de tomada de decisão em estudantes universitários.

OBJETIVO:

O objetivo deste estudo é investigar a prevalência do auto amor e auto desvalorização entre graduandos, verificando sua associação com variáveis socioeconômicas e demográficas.

METODOLOGIA:

Foram convidados a participar deste estudo alunos matriculados nos 5 anos do curso de graduação em Odontologia da FOP - Unicamp durante o segundo semestre de 2021. A coleta dos dados foi realizada de forma online, através da plataforma Google Forms, cujo link foi enviado via WhatsApp, individualmente. No Formulário eletrônico constavam o TCLE, o questionário socioeconômico e demográfico e o instrumento “Inventário de Sintomas de Depressão de Beck” (BDI-II).

Foram utilizadas apenas as questões 7 e 14 do BDI-II, que informam sobre auto amor e auto desvalorização. Além da estatística descritiva, foi realizada a análise bivariada (teste qui-quadrado ou exato de Fisher), no nível de significância de 5%, a fim de testar a associação entre variáveis socioeconômicas e demográficas com auto amor e auto desvalorização.

Na avaliação da questão 7 do BDI-II os participantes foram agrupados de acordo com o nível de sua autoestima em "não", cujo score da questão foi 0, e "sim", sendo neste grupo inseridos todos os alunos que apresentaram algum grau de autoestima afetada.

Em relação à questão 14 do BDI-II, os participantes foram separados de acordo com o nível de desvalorização percebida em "não", cujo score da questão foi 0, e em "sim" sendo neste grupo inseridos todos os alunos que apresentaram algum grau de sentimento de desvalorização.

O projeto deste estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia de Piracicaba – Unicamp (**CAAE:** 19111313.9.0000.5418).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Participaram deste estudo 185 alunos, sendo a maioria do sexo feminino, com média de 22 anos de idade (Tabelas 1 e 2). A autoestima afetada esteve presente em 43,78% dos estudantes avaliados. Além disso, 45,94% da amostra percebia algum nível de desvalorização.

Tabela 1: Associação entre a análise da questão 7 do BDI-II e as variáveis socioeconômicas e demográficas.

VARIÁVEL	CATEGORIA	N	Auto Estima Afetada		OR	IC	p
			Sim (1+2+3) $ N (%)	Não (0) N (%)			
Sexo	Feminino	128 (69,2%)	57 (44,53%)	71 (55,47)	1.1039	0.5874-2.0744	0.8834
	Masculino	57 (30,8%)	24 (42,11%)	33 (57,89)	1		
Idade (anos)	≤ 22&	120 (64,9%)	51 (42,11%)	69 (57,50%)	1		
	>22	65 (35,1%)	30 (46,15%)	35 (53,85%)	1.1597	0.6318-2.1285	0.7467
Ano do curso	1º	25 (13,5%)	14 (56,00%)	11 (44,00%)	3.0545	1.0366-9.0008	0.0741
	2º	51 (27,6%)	27 (52,94%)	24 (47,06%)	2.1333	0.8501-5.3537	0.1612
	3º	35 (18,9%)	13 (37,24%)	22 (64,86%)	1.4182	0.5180-3.8827	0.6703
	4º	40 (21,6%)	17 (42,50%)	23 (57,50%)	1.7739	0.6737-4.6706	0.3559
	5º	34 (18,4%)	10 (29,41%)	24 (70,59%)	1		
Instrução do Pai	Sem graduação	108 (58,4%)	43 (39,81%)	65 (60,19%)	1		
	Com graduação	77 (41,6%)	38 (49,35%)	39 (50,65%)	1.4729	0.8165-2.6569	0.2550
Idade do Pai (anos)	≤53&	100 (54%)	48 (48,00%)	52 (52,00%)	1.5484	0.8557-2.8018	0.1942
	>53	83 (44,9%)	31 (37,35%)	52 (62,65%)	1		
Instrução da Mãe	Sem graduação	94 (50,8%)	45 (47,87%)	49 (52,13%)	1.4031	0.7829-2.5144	0.3217
	Com graduação	91 (49,2%)	36 (39,56%)	55 (60,44%)	1		
Idade da Mãe (anos)	≤50&	94 (50,8%)	43 (45,74%)	51 (54,26%)	1.2413	0.6906-2.2312	0.5663
	>50	89 (48,1%)	36 (40,45%)	53 (59,55%)	1		

Renda Mensal Familiar	≤ 5 SM&	93 (50,3%)	44 (47,31%)	49 (52,69%)	1.3348	0.7454-2.3901	0.4098
	> 5 SM	92 (49,7%)	37 (40,22%)	55 (59,78%)	1		

SM: Salários-mínimos; OR: Odds Ratio; IC: Intervalo de Confiança; 1: referência; $: nível de referência da variável dependente; &: mediana da amostra.

Tabela 2: Associação entre a análise da questão 14 do BDI-II e as variáveis socioeconômicas e demográficas.

VARIÁVEL	CATEGORIA	N	Sentimentos de Desvalorização Sim (1+2+3) $ N (%)	Não (0) N (%)	OR	IC	p
Sexo	Feminino	128 (69,2%)	57 (44,53%)	71 (55,47%)	1		
	Masculino	57 (30,8%)	28 (49,12%)	29 (50,88%)	1.2027	0.6435-2.2479	0.6753
Idade (anos)	≤ 22&	120 (64,9%)	51 (42,50%)	69 (57,50%)	1		
	>22	65 (35,1%)	34 (53,31%)	31 (47,69%)	1.4839	0.8090-2.7216	0.2613
Ano do curso	1º	25 (13,5%)	12 (48,00%)	13 (52,00%)	1.1692	0.4148-3.2958	0.9750
	2º	51 (27,6%)	22 (43,14%)	29 (56,86%)	0.9609	0.4006-2.3048	0.8934
	3º	35 (18,9%)	15 (42,86%)	20 (57,14%)	0.9500	0.3666-2.4616	0.8908
	4º	40 (21,6%)	21 (52,50%)	19 (47,50%)	1.4000	0.5588-3.5073	0.6272
	5º	34 (18,4%)	15 (42,85%)	19 (55,88%)	1		
Instrução do Pai	Sem graduação	108 (58,4%)	48 (44,44%)	60 (55,56%)	1		
	Com graduação	77 (41,6%)	37 (48,05%)	40 (51,95%)	1.1563	0.6432-2.0785	0.7371
Idade do Pai (anos)	≤53&	100 (54%)	46 (46,00%)	54 (54,00%)	1.0088	0.5625-1.8090	0.9047
	>53	83 (44,9%)	38 (45,78%)	45 (54,22%)	1		
Instrução da Mãe	Sem graduação	94 (50,8%)	45 (47,87%)	49 (52,13%)	1.1709	0.6563-2.0890	0.6989
	Com graduação	91 (49,2%)	40 (43,96%)	51 (56,04%)	1		
Idade da Mãe (anos)	≤50&	94 (50,8%)	40 (42,55%)	54 (57,45%)	1		
	>50	89 (48,1%)	42 (47,19%)	47 (52,81%)	1.2064	0.6731-2.1620	0.6299
Renda Mensal	≤ 5 SM&	93 (50,3%)	50 (53,76%)	46 (49,46%)	1.5446	0.8677-2.7497	0.1821
	> 5 SM	92 (49,7%)	38 (41,30%)	54 (58,70%)	1		

SM: Salários-mínimos; OR: Odds Ratio; IC: Intervalo de Confiança; 1: referência; $: nível de referência da variável dependente; &: mediana da amostra.

Tal resultado pode ser justificado devido a autoestima ser entendida com um sentimento de valor, decorrente da busca de aprovação ou desaprovação que os universitários buscam em sua vida acadêmica (Schultheisz & Aprile, 2013), esta está relacionada com as metas e expectativas impostas, seja pelo indivíduo ou pelo meio à sua volta, e pela forma que o outro é valorizado e aceitado, pois o poder de

influência vivida pelo indivíduo pode ser tamanha a ponto de favorecer ou ir contra a sua integridade (Alva, 2017). Da mesma forma, encontra-se associada à confiança, pois quanto maior a autoestima maior a relação de confiança frente às decisões que devem ser tomadas (Andrade, et al. 2009).

O estudante pode acabar construindo e reforçando representações distorcidas sobre si mesmo (Alves, 2012). Portanto, a autoestima tem o poder de interferir na vida e no ambiente universitário, pois é decisiva de modo a decidir para o sucesso ou para o fracasso do estudante.

Esses resultados reforçam a necessidade do acompanhamento dos alunos em relação às suas questões quanto a autoestima e o autoamor, pois interferem de forma relevante no desempenho acadêmico.

CONCLUSÕES:

Não houve associação significativa entre auto amor e auto desvalorização com as variáveis socioeconômicas e demográficas estudadas. Porém, quase metade da amostra sentia auto desvalorização e tinha seu auto amor afetado em algum nível.

BIBLIOGRAFIA:

- Alva, M.C. Autoestima, hábitos de estudio y rendimiento académico en estudiantes universitarios. Propósitos y Representaciones, 2017; 5(1): 71-99.
- Ahn YA, Choi J. Factors affecting Korean nursing student empowerment in clinical practice. Nurse Educ Today. [Internet]. 2015 [cited Aug 13, 2018];35(12):1301-6. Available from: https://doi.org/10.1016/j.nedt.2015.08.007.
- Alves, S. A. (2012). A relação entre capacidades empáticas, depressão e ansiedade em jovens. (Dissertação de Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Brasil.
- Andrade E.R., et al. Intervenção visando a auto-estima e qualidade de vida dos policiais civis do Rio de Janeiro.Ciênc. saúde coletiva, 2009; 14(1): 275-285
- Bednar R, Peterson S. Self-esteem: paradoxes and innovation in clinical theory and practice. 2nd ed. Washington, D.C., EUA: American Psychological Association; 1995.
- Branden, N. (1994). The six pillars of self-esteem. New York: Bantam Books.
- Erbolato RMPL. Gostando de si mesmo: a autoestima. In: Neri AL, Freire SA. (Orgs.). E por falar em boa velhice. Campinas: Papirus; 2000.
- Heatherton, T. F. & Wyland, C. (2003). Assessing self-esteem. Em S. Lopez and R. Snyder, (Eds). Assessing positive psychology (pp. 219-233). Washington, DC: APA.
- Hewitt, J. P. (2009). Self-Esteem. Em S. J. Lopez (Ed.), Encyclopedia of positive psychology (Vol.2) (pp. 880-886). Malden, MA: Wiley- Blackwell
- Kernis, M.H., Cornell, D.P., Sun, C., Berry, A., & Harlow, T. (1993). There's more to self-esteem than whether it is high or low: the importance of stability of self-esteem. Journal of Personality and Social Psychology, 65 (6), 1190-1204.
- Leary, Mark R.; BAUMEISTER, Roy F. The nature and function of self-esteem: sociometer theory. Advances In Experimental Social Psychology Volume 32, v. 32, p. 1-62, 2000. Elsevier. http://dx.doi.org/10.1016/s0065-2601(00)80003-9.
- Martínez, B. I. V., Roselló, J., & Toro-Alfonso, J. (2010). Autoestima y juventud puertorriqueña: Eficacia de un modelo de intervención para mejorar la autoestima y disminuir los síntomas de depresión. Revista Puertorriqueña de Psicología, 21, 35-61.
- McGee, R. & Williams, S. (2000). Does low selfesteem predict health compromising behaviours among adolescents? Journal of Adolescence, 23, 569–582.
- Mruk CJ. Self-esteem research, theory, and practice: toward a positive psychology of self-esteem. 3rd ed. New York: Springer Publishing Company; 2006.
- Myers DG, Diener E. Who is happy? Psychol Sci. 1995;6(10):17
- Raquel Fortini Paixão; Naiana Dapieve Patias; Débora Dalbosco Dell'Aglio (2018). Self-esteem and Symptoms of Mental Disorder in the Adolescence: Associated Variables; http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34436
- Sánchez E, Barrón A. Social psychology of mental health: the social structure and personality perspective. Span J Psichol. 2003; 6(1):3-11.
- Silva, M.V.M; Azevedo A.K.S. Um olhar sobre o Suicídio: vivências experiências de estudantes universitários. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, 2018; 7(3):400-411
- Schultheisz, T.S.V., Aprile, M.R. Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. Revista Equilíbrio Corporal e Saúde, 2013; 5(1): 36-48.
- Robins, WR, Orth U, Trzesniewski HK. Selfsteem development from young adulthood to old age. A cohort-sequential longitudinal study. J Pers Soc Psychol. 2010; 98(4):645-58.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image* Princeton: Princeton University Press.
- Sowislo, J. F., & Orth, U. (2013). Does low self-esteem predict depression and anxiety? A meta-analysis of longitudinal studies. Psychological Bulletin, 139(1), 213-240. doi: 10.1037/a0028931
- Vaz-Serra A. O inventário clínico de auto-conceito. Rev Psiquiatr Clín. 1986; 7(2):67-84.